



Obra publicada pela Universidade Federal de Pelotas

Reitor: Prof. Dr. Antonio Cesar
Gonçalves Borges
Vice-Reitor: Prof. Dr. Manoel Luiz
Brenner de Moraes

Pró-Reitor de Extensão e Cultura: Prof. Dr. Luiz Ernani
Gonçalves Ávila
Pró-Reitora de Graduação: Prof. Dra. Eliana Póvoas Brito
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação: Prof. Dr.
Manoel de Souza Maia
Pró-Reitor Administrativo: Eng. Francisco Carlos Gomes
Luzzardi
Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento: Prof. Ms.
Élio Paulo Zonta
Pró-Reitor de Recursos Humanos: Admin. Roberta
Trierweiler
Pró-Reitor de Infra-Estrutura: Mario Renato Cardoso
Amaral
Pró-Reitora de Assistência Estudantil: Assistente Social
Carmen de Fátima de Mattos do Nascimento
Diretor da Editora e Gráfica Universitária: Prof. Dr.
Volmar Geraldo da Silva Nunes
Gerência Operacional: Carlos Gilberto Costa da Silva

CONSELHO EDITORIAL

Profa. Dra. Carla Rodrigues | Prof. Dr. Carlos Eduardo
Wayne Nogueira | Profa. Dra. Cristina Maria Rosa | Prof.
Dr. José Estevan Gaya | Profa. Dra. Flavia Fontana
Fernandes | Prof. Dr. Luiz Alberto Brettas | Profa. Dra.
Francisca Ferreira Michelin | Prof. Dr. Vitor Hugo Borba
Manzke | Profa. Dra. Luciane Prado Kantoroski | Prof.
Dr. Volmar Geraldo da Silva Nunes | Profa. Dra. Vera
Lucia Bobrowsky | Prof. Dr. William Silva Barros

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS

Diretor: Prof. Dr. Sidney Gonçalves Vieira
Vice-Diretora: Profa. Dra. Lorena Almeida Gill

NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA

Coordenadora:

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Membros do NDH:

Profª Dra. Beatriz Ana Loner

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Paulo Ricardo Pezat

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Técnico Administrativo:

Paulo Luiz Crizel Koschier

HISTÓRIA EM REVISTA – Publicação do Núcleo de
Documentação Histórica

Comissão Editorial:

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Profª Dra. Beatriz Ana Loner

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Paulo Ricardo Pezat

Conselho Editorial:

Profª Dra. Helga I. Landgraf Piccolo (UFRGS)

Prof. Dr. René Gertz (UFRGS) (PUCRS)

Prof. Ms. Mario Osorio Magalhães (UFPEL)
Prof. Dr. Temístocles A. C. Cezar (UFRGS)
Profª. Dra. Beatriz Teixeira Weber (UFSM)
Profª. Dra. Maria Cecília V. e Cruz (UFBA)
Prof. Dr. Marcelo Badaró Mattos (UFF)
Profª. Dra. Joan Bak (Univ. Richmond – USA)
Prof. PhD Pablo Alejandro Pozzi (Universidad de Buenos
Aires).
Prof. Tommaso Detti (Università Degli Studi di Siena)

Editor: Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Editoração e Capa: Paulo Luiz Crizel Koschier

Editora e Gráfica Universitária

R Lobo da Costa, 447 – Pelotas, RS – CEP 96010-150 |
Fone/fax: (53)3227 8411
e-mail: editora@ufpel.edu.br

Impresso no Brasil

Edição: 2011-2012

ISSN – 1516-2095

Dados de catalogação na fonte:

Aydê Andrade de Oliveira - CRB - 10/864

História em Revista / publicação do Núcleo de
Documentação Histórica. Instituto de
Ciências Humanas. Universidade Federal de
Pelotas. v.17-18, (dez. 2011 dez 2012). –
Pelotas: Editora da UFPel, 2011.
1v.

Anual
ISSN 1516-2095

1. História - Periódicos. I. Núcleo de
Documentação Histórica. Instituto de Ciências
Humanas. Universidade Federal de Pelotas.

CDD 930.005

Indexada pela base de dados Worldcat
Online Computer Library Center

PEDE-SE PERMUTA
WE ASK FOR EXCHANGE

UFPel/NDH/Instituto de Ciências Humanas

Rua Cel. Alberto Rosa, 154
Pelotas/RS - CEP: 96010-770
Caixa Postal 354
Fone: (53) 3284 – 5523 (r. 204)

<http://www.ufpel.edu.br/ich/ndh>
e-mail: ndh.ufpel@gmail.com

**A SOCIEDADE JAPONESA DO PRIMEIRO DECÊNIO DA RESTAURAÇÃO MEIJI
(1868) NA ÓTICA DO MANGÁ *RUROUNI KENSHIN* DE WATSUKI
NOBUHIRO¹**

Luiz Carlos Coelho Feijó*

Resumo: Ao longo dos anos, os historiadores tem se utilizado de diversas ferramentas de pesquisa no estudo do passado. Documentos escritos, registros sonos e imagens auxiliam o pesquisador nesta cruzada através do tempo. Valendo-se disto, este artigo procura, através de uma relação entre história em quadrinhos e História, verificar algumas transformações sociais ocorridas no primeiro decênio da Restauração Meiji, período em que a mesma se encontra em consolidação, utilizando-se para isto da obra *Rurouni Kenshin* de Watsuki Nobuhiro.

Considerações iniciais

Ícones da cultura pop japonesa, os mangás conquistaram, no começo dos anos 2000, o seu espaço junto ao leitor brasileiro. Atualmente, podem ser encontrados vários títulos traduzidos para o idioma português e distribuídos por editoras especializadas como JBC e Conrad (ambas de São Paulo) ou por *scanlators*².

Ao contrário do Brasil onde ainda perdura para algumas pessoas o pensamento de que histórias em quadrinhos (HQs) são “coisas de crianças”, no Japão elas são lidas por praticamente todos os seguimentos da sociedade.

No Japão todos leem quadrinhos – meninos e meninas, homens e mulheres – e há revistas para todas as faixas

¹ Optou-se neste trabalho por deixar os nomes japoneses conforme se utiliza no Japão, ou seja, colocaremos primeiramente o sobrenome para depois o nome.

* Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História-UFPel.

² Grupos de fãs que traduzem os mangás para o português e os disponibilizam na internet gratuitamente.

etárias, desde crianças em idade pré-escolar até adultos de mais de 40 anos. Neste país, a ideia de que HQs são material infantil ou do sexo masculino nunca criou raízes, assim o território permaneceu aberto para todos. (Silva, 2007, p. 3)

Pode-se destacar dois motivos para o sucesso dos mangás no Japão:

- 1) Seu baixo custo – monocromáticos (em alguns casos podem vir a ter algumas páginas coloridas) e impressos em papel jornal, os mangás conseguem ter seu custo reduzido, o que transforma em uma forma de entretenimento relativamente barata.
- 2) Sua divisão conforme seu público alvo – uma das singularidades dos mangás é que eles são divididos conforme seu público alvo. Há no Japão toda uma classificação que varia conforme o gênero, faixa etária e conteúdo das histórias. Os mangás para garotos são chamadas de *shounen manga*; para garotas, *shoujo manga*; os que possuem conteúdo erótico são os *ecchi manga*. Há ainda o *seinen manga* (que apresenta um conteúdo mais violento) para o público masculino mais velho e o *josei manga* para o feminino.

Podemos encontrar nos mangás uma vasta variedade de temáticas como o cotidiano escolar, esportes ou lutas. Existem ainda obras cuja temática é a própria história japonesa ou mesmo a história ocidental como em *Rurouni Kenshin*³ e *Berusayu no Bara*⁴, respectivamente, nos quais, para Alexandre Barbosa (2005, p. 107), os *mangakas* (autores dos mangás) “[...] souberam trabalhar os elementos ficcionais com os documentos históricos, criando junto ao seu público leitor um forte elo entre o real e o imaginário popular”.

Não é a nossa intenção traçar um debate na relação mangá histórico e história uma vez que o mesmo merece um maior

³ Foi publicado no Brasil pela editora JBC sob o título de *Samurai X* embora a tradução literal seria *Kenshin*, o andarilho.

⁴ Conhecido por aqui como *A Rosa de Versalhes*.

aprofundamento ao mesmo tempo em que também fugiria da proposta inicial deste artigo cujo objetivo é verificar, por intermédio de algumas páginas do mangá *Rurouni Kenshin*, transformações pelas quais a sociedade japonesa passou nos anos iniciais da Era Meiji. Vale ressaltar que não trabalharemos com a obra completa por esta ser extensa, por isso a necessidade da seleção das poucas imagens aqui utilizadas.

Inicialmente, para uma melhor compreensão, será feito um breve resumo do período anterior a Era Meiji, o *Shogunato Tokugawa*, para, no momento seguinte, adentrarmos na obra de Nobuhiro Watsuki.

O Japão: do shogunato a Era Meiji

Oda Nobunaga, Toyotomi Hideyoshi e Tokugawa Ieyasu entraram para a história japonesa como os três grandes unificadores do Japão. Quando os portugueses aportaram em terras japonesas pela primeira vez encontraram o país em meio a um período de guerra civil entre os principais *daymios* (senhores feudais) que tentavam unificar o país e obter o título de *shogun* (generalíssimo). Neste período, o poder encontrava-se já fragmentado, o imperador era reverenciado, mas possuía apenas um poder simbólico, o poder de fato estava concentrado nas mãos do *shogun*.

Com o auxílio das armas de fogo trazidas pelos portugueses, Oda Nobunaga consegue subjugar os principais *daymios* que lhe eram contrários dando início a unificação do Japão. Após sua morte, Toyotomi Hideyoshi, um de seus vassalos, assume o poder, dando prosseguimento ao processo de unificação iniciado por Oda.

Com a morte de Hideyoshi, estabeleceu-se um conselho de regentes uma vez que seu filho Hideyori não possuía idade para assumir o posto de *shogun*. Tokugawa Ieyasu, que até então fazia parte do conselho acaba por afastar-se e prepara um golpe para assumir o poder. O Japão novamente volta a ser palco de uma guerra civil, desta vez entre os partidários de Hideyori e os que apoiavam Ieyasu que, após derrotar os *daymios* que defendiam o direito de Hideyori ao trono, assume o poder como *shogun* dando início a todo um período de sucessão dinástica que duraria por 265 anos.

A antropóloga Ruth Benedict (2006, p. 56) assim caracteriza o Shogunato Tokugawa:

O Xogunato conservou-se na linhagem de Ieyasu por dois séculos e meio e terminou somente em 1868, quando o 'governo duplo' de Imperador e Xógum foi abolido no começo do período moderno. Em muitos sentidos este longo Período Tokugawa constituiu-se num dos mais notáveis da história. Manteve uma paz armada no Japão até a última geração antes do seu término, pondo em exercício uma administração centralizada que serviu admiravelmente aos propósitos dos Tokugawa.

Internamente, o governo Tokugawa manteve o Japão sob uma rígida divisão social de castas assim distribuída: no topo a nobreza, logo abaixo os samurais seguidos por camponeses, artesãos, comerciantes e párias, respectivamente. Externamente, os governantes Tokugawas mantiveram uma política de isolamento das demais nações, apenas raras transações eram realizadas com poucas nações, como os holandeses, estes por sua vez

[...] gozavam de medidas de favor, quando do édito de exclusão [que levava ao isolamento do Japão]. Tiveram, no entanto, de abandonar Hirado e transferir sua feitoria para o ilhéu de Deshima⁵, perto de Nagasaki; mercadores e marinheiros não tinham autorização para permanecer por ali mais de um ano; uma vez por ano deviam ir a Iedo⁶ apresentar-se ante o xógum como humildes solicitantes; era-lhes proibido trazer suas esposas e mulheres européias, e só podiam manter relações com prostitutas. Embora quase jamais estivessem em contato com a população japonesa, os holandeses não eram estimados. Takekoshi, historiador japonês contemporâneo, observa que 'a despeito das medidas de favor adotadas pelo xogunato para com os comerciantes holandeses, os japoneses não mantinham boas relações com eles'. (Panikkar, 1977, p. 91)

⁵ O nome correto da ilha é Dejima e não Deshima como informado no texto.

⁶ Iedo (ou Edo) é a atual Tokyo.

O isolamento do Japão durou até a chegada do Comodoro Perry que força o Japão a abrir suas portas ao mercado internacional. Os adversários (principalmente os feudos de Satsuma, Choushu e Tosa) dos Tokugawas viram nisso a oportunidade para dar fim ao shogunato. Aproximando-se da figura do imperador, inicialmente bradavam o lema “Expulsai o bárbaro! Reverenciai o imperador!” entretanto, como o “bárbaro” acaba lhes fornecendo armamentos, o lema bradado vira “Reverenciai o imperador!”.

Nova guerra abala o Japão internamente, dessa vez envolvendo os partidários do *shogun* (Tokugawa Yoshinobu) e os que pretendiam a volta do poder para as mãos do imperador. Este período ficou conhecido na história japonesa como *Bakumatsu* (que corresponde aos últimos anos do Shogunato Tokugawa e encerrou-se pouco antes da Restauração Meiji propriamente dita, quando o imperador Mitsuhiro assume o poder dando início a Era Meiji, em 1868).

A Restauração Meiji trouxe consigo novos elementos para o povo japonês tanto nos campos político, econômico como no cultural e social. A abertura de seus portos e a chegada de estrangeiros juntamente com a revolução industrial fizeram com que os japoneses passassem por um processo de adaptação aos novos tempos. A seguir veremos como, na ótica do *mangaka* Watsuki Nobuhiro, a sociedade japonesa adaptou-se a toda essa mudança.

A sociedade japonesa sob a ótica do mangá *Rurouni Kenshin*

Publicado na revista *shounen jump*, entre os anos de 1994 a 1999, o mangá *Rurouni Kenshin* tem seu recorte temporal e ambientação em alguns anos após a Restauração Meiji. Sua história tem como personagem principal Himura Kenshin⁷, um ex-samurai que lutara no *Bakumatsu* ao lado dos revolucionários e que some após a Restauração Meiji vindo há reaparecer alguns anos depois como um *rurouni* (andarilho).

A obra de Watsuki é repleta de elementos históricos e podemos observar nela, pelo menos sob o ponto de vista do autor, várias

⁷ Kenshin é um personagem fictício que foi, segundo seu autor, baseado num famoso *hitokiri* (assassino), Kawakami Gensai que lutou contra o shogunato.

transformações ocorridas na sociedade japonesa. Uma delas foi à proibição do porte de espadas, conforme demonstrado na figura 1.



Figura 1: Rurouni Kenshin, volume 1, capítulo 1.

A *katana*⁸ talvez seja o símbolo que mais identifica o samurai, com a reformulação do sistema social promovido pelo governo Meiji, a casta dos samurais fora extinta (pelo menos oficialmente) juntamente com o sistema que lhe dava sustentação, para uma maior controle da classe

⁸ Espada japonesa.

guerreira insatisfeita, o governo central acaba tirando dos samurais talvez o seu maior símbolo que lhe dava legitimidade, a espada, obviamente que além disso, era uma maneira de evitar futuras rebeliões.

Outra mudança ocorrida após a Restauração Meiji identificada na obra de Watsuki encontra-se no diálogo apresentado na figura 2:



Figura 2: Rurouni Kenshin, volume 1, capítulo 7, página 177.

No segundo quadro⁹ tem-se o diálogo realizado entre as personagens Sanosuke e o capitão do exército *Sekihoutai* Souza Sagara onde ambos discutem sobre uma das reformas prometidas pelos partidários que defendiam o fim do *shogunato*, a igualdade entre as classes. O Shogunato Tokugawa estabeleceu regras rígidas de estratificação social, uma delas permitia apenas aos samurais e membros da nobreza possuírem um sobrenome, camponeses, comerciantes e párias era proibido o uso deste uma vez que os mesmos não se encontravam em igualdade com as castas superiores. A fim de conseguir adesão das camadas populares na luta contra os defensores do *shogun*, uma das bandeiras defendidas pelos imperialistas era a igualdade de classes bem como a possibilidade de adoção de um sobrenome.

Talvez uma das maiores transformações ocorridas no pós-Restauração Meiji decorrida das mudanças sociais esteja representada na figura 3.

⁹ Utilizamos aqui a forma de leitura oriental, logo da direita para a esquerda.



Figura 3: Rurouni Kenshin, volume 4, capítulo 38.

Com o final da era dos samurais, muitos deles tiveram de se adaptar as novas regras vigentes e optaram por adotar profissões que no período anterior eram consideradas de baixo nível, como o comércio. Na

pirâmide social do regime Tokugawa os comerciantes ocupavam uma das escalas mais baixas, ficando acima apenas dos párias. Também não havia possibilidade de troca de classes uma vez que se tratava de uma sociedade estamental onde as posições estariam asseguradas por um sistema de convenções e leis. Comerciante é comerciante, camponês é camponês, *bushi* (guerreiro) permanece *bushi* e assim por diante. No último quadro da página, há uma crítica feita pela personagem Yutaro ao seu pai que teria se desviado do caminho do guerreiro ao tornar-se um comerciante que vende espadas japonesas aos estrangeiros.

Para finalizar, é importante ressaltar que outros elementos podem ainda ser percebidos na obra de Watsuki, contudo por se tratar de uma obra vasta (possui 28 volumes), optou-se por reter-se apenas nos três acima destacados.

Considerações finais

Foi possível observar ao longo do artigo as várias possibilidades do uso dos mangás como fonte histórica por este possuir uma infinidade de temáticas abordadas. Mangás, assim como outras fontes imagéticas, merecem mais atenção por parte dos historiadores e no caso dos mangás históricos, é possível perceber, como já o fizera Alexandre Barbosa citado anteriormente, a relação entre ficção e história é feita de forma a nos fornecer elementos preciosos que podem resultar em uma pesquisa.

Também vale destacar o estudo voltado para a história japonesa. Temos uma certa tradição no Brasil de privilegiarmos os estudos voltados para a história européia e norte-americana, enquanto que voltados para o Extremo Oriente ainda são muito poucos, precisamos ir mais além do que já fora feito uma vez que, assim como os ocidentais, japoneses, chineses, coreanos, entre outros povos, possuem uma história muito rica e pouco estudada no Brasil, o que acaba por dificultar o conhecimento sobre eles, nos relegando apenas um olhar criado por Hollywood, por exemplo, em filmes de samurai, o qual nem sempre lhe é favorável.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANDRESSEN, Curtis. **A short history of Japan: from samurai to sony.** Australia: Allen & Unwim, 2002.

BARBOSA, Alexandre. **Quadrinhos japoneses: uma perspectiva histórica e ficcional** – A visão da história por meio dos mangás in LUYTEN, Sonia Bibe (org.). **Cultura pop japonesa: animê e mangá.** São Paulo: Hedra, 2005.

BENEDICT, Ruth. **O crisântemo e a espada.** 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

GRAVETT, Paul. **Mangá: como o Japão reinventou os quadrinhos.** São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2006.

LUYTEN, Sônia Bibe. **Mangá: o poder dos quadrinhos japoneses.** São Paulo: Hedra, 2000.

PANIKKAR, K. M. **A dominação ocidental na Ásia: do século XV aos nossos dias.** Tradução de Nemésio Salles. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

TAZAWA, Yutaka et all. **História Cultural do Japão: uma perspectiva.** Ministério dos Negócios Estrangeiros do Japão, 1973.